

Dinossauros do Áudio

Qualquer semelhança desta história com a sua, pode não ser mera coincidência

Um dos mais tradicionais locadores de equipamentos de Minas Gerais, Zezinho, resolveu vencer a timidez e nos receber para um bate papo informal.

Difícil foi começar a gravar nossa conversa. Casa de ferreiro, espeto de pau. Quanto mais simples o sistema, mais difícil para fazer funcionar. Zezinho resolveu gravar em fita de vídeo pois permite seis horas de gravação, achando que eu iria aturá-lo por tanto tempo. Utilizamos um microfone AKG C 418, um mixer Sanson e um Vídeo K7.

Meia hora de tentativas e finalmente conseguiu colocar o sistema para funcionar. Preparamos a chapa, cerveja, refrigerante, palmito e a berinjela em conserva (somos vegetarianos). Portanto se algo soar sem sentido, perdoem-nos, foi o álcool. Há ia me esquecendo do mais importante, os queijos, claro! Somos mineiros.

ART Som ou Zezinho, tanto faz. José Valente, nascido em Carangola-MG, mudou-se para Belo Horizonte em 1962. Preferiu dizer quando se mudou para Belo Horizonte do que dizer o ano em que nasceu.

Começou como contrabaixista de banda de baile, aos 15 anos, junto com os colegas do colégio. O nome do conjunto, segundo ele, mudava de acordo com a casa. Se a banda agradasse ele colocava o nome da casa para ficar tocando mais tempo. Isso garantia um faturamento maior. O salário fixo vinha do seu trabalho em uma concessionária de veículos.

Pausa para testar o áudio no vídeo. Ok. Funcionando!

Tocou no Clube Labareda na sua inauguração, lá pelos idos anos 60.

Começaram muito jovens e o amadurecimento trouxe as primeiras divergências para o grupo.

Zé - "Eu sempre fui muito exigente com horário e os outros não eram muito pontuais. Isso era causa de constantes desentendimentos".

Os desentendimentos se tornaram cada vez mais constantes. Pequenos detalhes eram motivos de grandes discussões e o conjunto se desfez.

Nesta época era comum uma certa distância entre músicos velhos e jovens. Os jovens eram indisciplinados por causa da geração "Rock in Roll".

Zé - "Era preciso ser maluco e indisciplinado para ser bom, mas eu não concordava. Achava que o certo era trabalhar com disciplina".

O equipamento do conjunto era praticamente todo do Zezinho. Ele ficou com um sistema inteiro além de comprar a parte que cabia aos outros músicos.

Junto com um cunhado começou a trabalhar com a moda da época: música mecânica. Foi difícil sair do "ao vivo" para o "mecânico", do ponto de vista do músico, mas as contas não podiam esperar. Surgiu então a "Big Brothers".

Zé – "Misturando o som mecânico com a experiência do baile, foi um sucesso em Minas Gerais. Fechamos contrato com vários clubes, inclusive tocar para o público elitizado. Pouco tempo depois a Soul Music estourou, se tornando o grande sucesso do momento. Nesta época tocávamos de

samba à soul music, com uma apresentação bem eclética".

De repente aconteceu o convite de um empresário mineiro, Nivaldo Bonfim, para sonorizar um show do cantor Jair Rodrigues, sendo este o primeiro serviço de sonorização daquela que viria a ser a Art Som. Como ele já possuía o equipamento do desfeito conjunto de baile, resolveu aceitar o desafio.

À partir daí, como o trabalho foi um sucesso, vieram os convites para trabalhar nas exposições agropecuárias, um grande filão do mercado. Assim morreu a "Big Brothers" e nasceu a Art Som.

E como surgiu o nome Art Som?

Zé - "Na época era uma febre associar o nome do dono com a palavra "som". Havia BelSom, AnderSom, CleberSom e tantos outros sons. Eu queria um nome mais sóbrio e ví certa vez uma empresa com o nome de ProArt. Mesmo temendo que soasse um pouco prepotente, resolví usar Art Som".

À partir daí, ele passou a viver da empresa e esta passou a ser a sua profissão.

Por volta de 1978 desistiu de trabalhar com shows. Como se ganhava bem naqueles tempos, era permitido se cansar e parar de trabalhar para pensar em outras formas de aproveitar a vida.

Montou então uma fábrica de equipamentos, também chamada Art Som onde surgiram consoles, amplificadores para guitarra, contra baixo e teclados. Os melhores produtos eram os amplificadores de potência. O que havia na época eram os Pro 2000, Gradiente, que não atendiam às necessidades.

Quando surgiu o PM 5000 e o A1 da Polivox e Gradiente, respectivamente, percebeu que havia um amplificador profissional no mercado e já com saudades dos shows que sonorizava, desistiu da fábrica e voltou para o mercado da sonorização.

Zé - "Eu sempre quis ter um P.A. todo amplificado por circuitos à válvula. Eu não consegui fabricar, nem comprar um aparelho à transistor que me desse a sonoridade do meu equipamento de baile, que era todo à válvula."

Mas montar um P.A. utilizando amplificadores à válvula era uma meta muito difícil devido a baixa potência, custo e manutenção muito altos.

Reformulou então o P.A. adquirindo amplificadores PM5000 e A1. Com este novo sistema foi sonorizar um bingo. No final os organizadores não entregaram todos os prêmios e o público quebrou todo o equipamento.

É claro que ele não conseguiu reaver nada do que foi perdido neste evento.

Para sobreviver virou operador da banda de baile Pendulum, dos irmãos Emanuel e Roberto. A esta altura ele já era pai de família e precisava faturar de qualquer jeito.

Com o carnaval chegou a oportunidade de conquistar um novo equipamento.

Zé – "Naquela época ganhava-se bem durante o carnaval e em campanhas políticas, o que não acontece mais. Na verdade recebíamos o que valia o serviço, hoje...".

Com três carnavais fechados, partiu para a compra do equipamento e ficou devendo grande parte dele. Como as exposições agropecuárias pagavam melhor que todos os outros eventos, ele conseguiu assim quitar as contas.

No início de 1982 houve um deslizamento de terra devido a uma obra mal feita pela fornecedora do serviço de água da cidade, causando a morte de sete pessoas e o soterramento de todo o

equipamento. Mais uma vez precisava começar do zero, apenas com o apoio dos amigos.

Zé - "Me lembro do que me restou naquele dia: uma camiseta, um short e um par de chinelo. A minha sorte foi poder contar com amigos que deram abrigo e comida a mim e a minha família. Amigos estes particulares e donos de outras locadoras como Eustáquio Marra (Trilha Sonora), Eustáquio Vargas (Pró Áudio), José Júlio (Trio Impulso), Brito (Banda Rio Tropical), entre outros".

Para recomendar, estes amigos também lhe emprestaram equipamento e a extinta loja Eletro TV, lhe concedeu crédito com prazo de pagamento indeterminado.

Zé - "Atitudes como estas não tem dinheiro que pague. Só mesmo muita gratidão".

Montou assim um P.A. de W Box, todo na cor branca e que criou muita polêmica e ao mesmo tempo muitos seguidores (copiadores) na época.

O próprio mercado tornou-se mais exigente. Foi quando decidiu não trabalhar mais sozinho agregando profissionais como, Denio Costa (DGC Audio / Ana Carolina), Marcos Amorim (Fernanda Abreu) e Mauro ngelo (Bakanga) que tinham objetivos comuns, unindo esforços para ampliar a empresa.

Zé ‐ "Todos nós fazíamos de tudo, de separar, testar, carregar, montar o equipamento até dirigir ônibus e caminhões. Conhecíamos todas as etapas do processo, ficando mais fácil ensinar ao restante da equipe e prevenir possíveis falhas".

Sonorizou eventos nacionais e internacionais como: The Comodores, Carlton Dance Festival ‐ coordenado por Flávia Calabi, Jimmy Clif, Roy Rogers, Chitãozinho e Xororó, Ivan Lins ‐ operado pelo polêmico e competente Gabriel Neto, diversos grupos de música Gospel, Snap, Deep Purple, Shakira, Willy Nelson, Stanley Jordan, Evento Musical Budista, Billy Paul, Mano Negra, Liberta D'Lamarque, Sarita Montiel, Information Society, Rick Walkman, America, Alexia, The Mamas e The Papas, Marillion, Meninos Cantores de Viena, Allan Parsons, Man At Work, Charles Aznavour e a sonorização do maracanã durante a comemoração dos seus 50 anos com a partida Brasil x Uruguai.

Fizemos turnês de norte a sul do país, o que hoje é uma raridade, com artistas como: Gal Costa, Maria Betânia, Caetano Veloso, Gilberto Gil, Marina Lima, Wando, Xuxa e finalmente a turnê nacional em 2000 do Circo de Moscou no gelo, o Bejart Ballet Lussance e o encontro anual da LBV no ginásio do Mineirinho.

Zé, nos fale um pouco sobre os últimos grandes eventos.

Zé - O evento da LBV foi transmitido por mais de 520 canais de rádio e TV em todo o mundo. Uma responsabilidade imensa, sem chance para erros. Estiveram se apresentando o grupo Só pra contrariar, Sandra de Sá e artistas de rádio e TV como Guilherme Karan, Paulo Figueiredo, Norton Nascimento, entre outros.

Vejam fotos deste evento.

Em função da estrutura montada o sistema de P.A. Fly ficou nas laterais do palco. As bandas ficaram em um fosso à frente dificultando a operação do sistema. Havia também uma passarela onde todos os artistas iam de encontro ao público, chegando até onde o tempo de atraso do P.A. não os incomodava. Com exceção de Sandra de Sá que foi até a ponta da passarela sem perder o andamento da música.

Não foi por falta de monitores intra auriculares (in ears) que lá estavam disponíveis. Provavelmente foi a falta de costume ou mesmo o clima entre os artistas que fez o evento ser descontraído, realmente à vontade.

Já no Ballet e no Circo o que mais me impressionou foi a disciplina e o profissionalismo de toda a equipe. Em um show o artista conduz a apresentação de acordo com a resposta do público. Já nos

eventos citados acima tudo é cronometrado e não há improvisos. Tudo é sincronizado. Já pensaram em salto mortal e cada um em um tempo diferente?

No circo toda a apresentação era feita sobre o gelo, o que exigia muito dos artistas que deviam se apresentar e ao mesmo tempo dançar sobre patins. Um verdadeiro show!

Como os bailarinos, a equipe técnica de áudio, comandada por Nikita (foto) era muito exigente, o que nos fez prever diversas possibilidades de erros.

"Eu sempre preferí trabalhar com equipamento Bose. Em sistemas convencionais, com cornetas, nunca obtive resultados satisfatórios. Foi a primeira vez que trabalhei com um sistema Bass Reflex e corneta exponencial onde obtive um resultado surpreendente", afirmou Nikita, que convidou o Zezinho a montar uma filial na Europa para acompanhá-los. "Acho que ele bebeu vodca demais", retrucou Zezinho.

E qual o equipamento utilizado para estas turnês?

Zé - Basicamente caixas do P.A. FZ Àudio, amplificadores Ciclotron linha Tech Vox (Tip), processadores BSS e Drawmer, efeitos Yamaha e Lexicon, console Yamaha, monitores EAW (não cover = originais) e microfones de lapela sem fio Samson. Vale dizer que é um circo com banda ao vivo, daí a necessidade de tantos periféricos e microfones.

E o Ballet ?

Zé - Neste a música era toda mecânica. Porém eram 4 MD's onde os oito canais eram "splitados" (paralelo) para 16 canais da console com ganhos e equalizações diferentes. Precisava ser desta forma porquê durante todo o espetáculo havia operação de áudio. Em uma única música os parâmetros eram mudados diversas vezes, tudo em função do teatro sonorizado e sua acústica. Este trabalho foi testado e ajustado durante todo o dia anterior ao do espetáculo.

Toda a equipe e especialmente o Marcos Amorim, foram elogiados por sua dedicação e empenho durante os eventos. Segundo o Zezinho eles já estavam muito acostumados com equipamentos de qualidade superior, sendo assim, o empenho da equipe foi fundamental para o resultado alcançado.

Zé - "Alí o diferencial foi a prestação de serviço, onde todos assimilaram o espírito da equipe suíça".

Com tantos eventos de tamanha importância você ainda sofre os efeitos da concorrência no mercado de sonorização?

Zé - O nosso maior concorrente hoje é o preço oferecido pelos contratantes, possibilitando a entrada de empresas não capacitadas a prestar serviço em determinados eventos. Por outro lado o artista para defender o seu cachê (em algumas bandas pode ser chamado de "Michê", tamanha a prostituição financeira), usando como desculpa o respeito ao público, se sujeita a trabalhar com qualquer estrutura, fomentando o crescimento deste mercado.

Mas se o artista não tocar não é pior ? Você mesmo passou por isso durante um bingo onde quebraram tudo.

Zé - Afinal pra que serve a equipe técnica e a produção do artista? Não é para filtrar antes de chegar ao evento? Se o artista não receber ele não sobe no palco, desrespeitando o seu público, mas se receber, aceita tocar de qualquer jeito e em qualquer sistema, se é que podemos chamá-los assim. Isto por acaso é respeito para com o público que pagou para ver e ouvir um espetáculo e só o que vai ver é um show de luzes ? Além do mais, os profissionais destes grandes artistas conhecem as locadoras de praticamente todo o país e sabem onde pisar.

E a mão de obra?

Zé - Bem, eu sou esperançoso. Hoje ainda prevalece a teoria de que em terra de cego quem tem um olho é rei. Porém este quadro está mudando graças às publicações especializadas e aos cursos de áudio realmente sérios que têm surgido nos grandes centros. A minha equipe mesmo é formada pelo Núcleo de Formação Profissional, aqui em Belo Horizonte. É o primeiro passo e que no entanto os deixam assustados. No início pensam que são os donos do mundo, depois percebem o longo caminho que têm pela frente. E olha que hoje tudo é mais fácil. No meu tempo não havia escolas e precisávamos aprender na marra. O nosso interesse era outro. Hoje todos só querem ser operadores, manuseando knobs, sem passar por etapas importantes na formação do técnico.

Na sua opinião qual será o futuro do locador?

Zé - Vai sobreviver quem oferecer um bom atendimento, equipe competente e um equipamento de nível profissional. Não necessariamente o de última geração, mas certamente as caixas feitas pelo amigo do vizinho do cunhado do primo-avô de um marceneiro não mais farão parte deste mercado.

O que você acha dos novos sistemas como o amplificado da Attack, Meyer, EAW, RCF e o lançamento dos Line Arrays como Vertek / JBL, X Line / EV, ALA 3 / Apogee e o Vdosc / Coax Áudio, entre outros ?

Zé – Estamos no século 21 e vejo que cada vez mais estão respeitando as leis da física, se aproximando dos conceitos dos grandes teatros gregos, construídos antes de Cristo.

Qual o seu recado para os profissionais deste mercado e para os que estão chegando agora?

Zé - Ai você está me colocando contra a parede. Só posso dizer que cada cabeça tem a sua sentença.

Denio Costa